

# **Mercado de trabalho regional e desigualdade salarial de gênero no sul do Brasil<sup>1</sup>**

Genero, desigualdades y cidadania

Autor: Prof. Dr. Luís Fernando Santos Corrêa da Silva  
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

## **1. Introdução**

O presente estudo examina as principais características do mercado de trabalho formal e a desigualdade salarial de gênero na região do Alto Uruguai, que se situa no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A região do Alto Uruguai compreende trinta e dois municípios situados ao norte do Rio Grande do Sul e possui população estimada de aproximadamente 221.000<sup>2</sup> pessoas, das quais aproximadamente 43% residem em Erechim, principal município da região.

Cabe destacar que estudos sobre as configurações dos mercados de trabalho regionais são relevantes devido à importância do tema, visto que os mercados de trabalho assumem características distintas segundo as especificidades econômicas, sociais, políticas e culturais de cada região. Estudos que têm por objetivo conhecer o perfil dos mercados de trabalho também podem subsidiar políticas públicas voltadas para a inclusão de grupos sociais vulneráveis, situados em contextos específicos. Por seu turno, pesquisas sobre as características do mercado de trabalho no Alto Uruguai se justificam devido à inexistência de estudos sobre essa temática na região.

A pesquisa que deu origem a esse estudo foi operacionalizada mediante a análise de dados secundários do mercado de trabalho formal da Região do Alto Uruguai, disponíveis na base de dados RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego/MTE. A base de dados RAIS deriva dos registros administrativos do MTE e reúne informações prestadas pelas empresas anualmente. A RAIS<sup>3</sup> abrange todo o mercado de trabalho formal do País e foi criada para suprir as necessidades de informações na área social. Por meio da RAIS, que cobre cerca de 97% do mercado de trabalho formal do Brasil, é possível acompanhar as características do emprego em um ano específico ou em séries históricas (BRASIL, 2010).

## **2. Mercado de trabalho e região.**

A temática dos mercados de trabalho regionais é bastante complexa e ainda pouco estudada, mesmo que, ao longo dos últimos anos, as políticas públicas tenham atentado para as especificidades regionais que conformam um país continental como o Brasil.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é fruto de pesquisa realizada no âmbito de projeto aprovado no Edital 003/PROPEPG/UFFS/2010 e contou com a colaboração do bolsista de iniciação científica Daniel Gutierrez, estudante do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

<sup>2</sup> Dado relativo ao ano de 2011, obtido no site da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (FEE-RS). A região do Alto Uruguai corresponde ao Conselho Regional de Desenvolvimento do Norte do Rio Grande do Sul (COREDE Norte), conforme consta na fonte mencionada. Disponível em: [http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg\\_coredes\\_detalle.php?corede=Norte](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes_detalle.php?corede=Norte)

<sup>3</sup> Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, “originalmente a RAIS foi criada para conter informações destinadas ao controle de entrada da mão-de-obra estrangeira no Brasil e os registros relativos ao FGTS, para subsidiar o controle de arrecadação e concessão de benefícios pelo Ministério da Previdência Social e para servir de base de cálculo do PIS/PASEP. Atualmente, em observância a dispositivo constitucional, viabiliza a concessão do pagamento do abono salarial e se constitui no único instrumento de governo para esse fim” (BRASIL, 2010).

Em termos conceituais, o mercado de trabalho é um arranjo institucional que cumpre a função de alocar a força de trabalho de uma sociedade nos diversos usos produtivos possíveis, bem como promove a produção de renda aos que dele participam (HORN, 2006:179).

Segundo Fevre, o interesse dos sociólogos no mercado de trabalho como categoria de análise difere do interesse dos economistas. Enquanto os economistas ocupam-se de questões como a formação dos salários, os sociólogos procuram conhecer as condições de inserção dos trabalhadores em ocupações de maior ou menor qualidade (FEVRE, 1992: 19).

Neste estudo, não é nossa pretensão esgotar a discussão conceitual sobre a relação entre mercado de trabalho e região. Para efeito operacional, a região é entendida como recorte geográfico no qual se estabelecem relações sociais, políticas, culturais e econômicas. É possível supor que os mercados de trabalho possuem contornos distintos em cada município da região, entretanto, optou-se por manter o recorte regional como objeto de análise, estabelecido pela proximidade entre municípios que partilham semelhanças, em termos do padrão de colonização, importância da agricultura familiar e localização geográfica mais ampla.

Por seu turno, o debate sobre o papel do trabalho e dos mercados de trabalho na conformação das relações sociais perpassa grande parte da produção teórica da sociologia. Na sociologia clássica, o trabalho assumiu importância central como categoria de análise explicativa das sociedades modernas, por meio de uma leitura que privilegia a análise das estruturas sociais e sua ação coercitiva, como em Karl Marx e Émile Durkheim, ou através da perspectiva compreensiva que orienta o pensamento de Max Weber.

Em Marx, o trabalho é entendido como categoria central para a compreensão da sociedade capitalista. Segundo a teoria de Marx, a sociedade capitalista estrutura-se em torno de duas classes sociais antagônicas, diferenciadas de acordo com a posição que ocupam no processo produtivo. Neste contexto, cabe a uma das classes fundamentais do capitalismo, o proletariado, a venda da sua força de trabalho na esfera do mercado. O processo de trabalho é compreendido por Marx como atividade que estabelece relação entre o homem e a natureza, tendo como propósito a produção de valor-de-uso (MARX, 2008).

Na obra de Durkheim, a divisão social do trabalho surge como forma de estabelecer uma diferenciação entre as sociedades tradicionais e a sociedade moderna. A divisão do trabalho, para Durkheim, produz efeito moral mais importante que os efeitos econômicos por ela engendrados, visto que cria um sentimento coletivo de solidariedade social. Igualmente, a diferenciação das profissões se constitui como fonte de equilíbrio e de integração social (DURKHEIM, 2008).

Por seu turno, Weber procura estabelecer relação entre o surgimento do capitalismo e a moral religiosa protestante, alicerçada em formas ascéticas de conduta. Weber desenvolve a tese de que o racionalismo econômico que emergiu na moderna civilização europeia sustenta-se por meio de uma ética do trabalho tributária da noção de vocação. Por outro lado, o autor também analisa o surgimento do aparato burocrático como característica marcante da modernidade, em que a divisão do trabalho se apresenta como ação racional com relação a fins (WEBER, 1999; WEBER, 2001).

Passados quase cem anos do debate clássico sobre o trabalho na Sociologia, as sociedades têm presenciado profundas modificações no trabalho e nos mercados de trabalho, tendo em vista o novo cenário que emergiu no início do novo milênio: interdependência global, mudança no papel dos Estados, introdução de novas tecnologias, que por sua vez estimulam a reestruturação dos padrões de produção e de consumo. Tais processos ocorrem em consonância com a diversificação das práticas culturais e com mudanças na forma como se experimenta o tempo e o espaço (POCHMANN, 2001:58-59).

As transformações do trabalho, em âmbito global, têm suscitado desafios à pesquisa sociológica, visto que sua influência não é homogênea, seja em termos territoriais: contexto internacional, nacional ou regional; seja em termos dos grupos sociais que compõem o mercado de

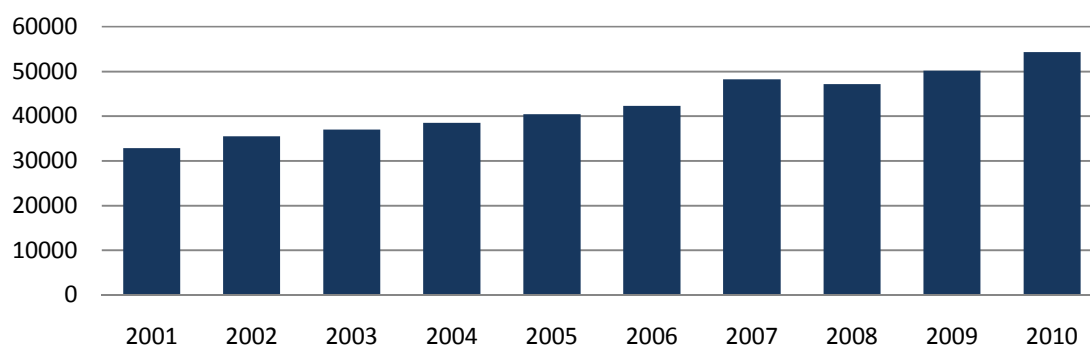
trabalho: homens, mulheres, jovens, adultos, profissionais qualificados, semi-qualificados ou possuidores de pouca ou nenhuma qualificação específica.

Especificamente no que diz respeito às condições de inserção da mulher no mercado de trabalho, destaca-se a desigualdade salarial de gênero como aspecto estruturante do mercado de trabalho no Brasil. Mesmo que as mulheres estejam menos presentes no mercado de trabalho que os homens, sua inserção ocorre de forma diferenciada, visto que a mão de obra feminina é mais recorrente em ocupações precárias e os salários recebidos pelas mulheres é inferior ao que recebem os homens, em todas as faixas etárias e níveis de escolaridade (IPEA, 2011:27).

Neste estudo, dado o seu caráter inédito, optou-se por realizar um levantamento exploratório sobre as características gerais do mercado de trabalho da região do Alto Uruguai, enfatizando a desigualdade salarial de gênero. Posteriormente, pretende-se aprofundar questões suscitadas pelos indicadores analisados.

### 3. O mercado de trabalho da região do Alto Uruguai.

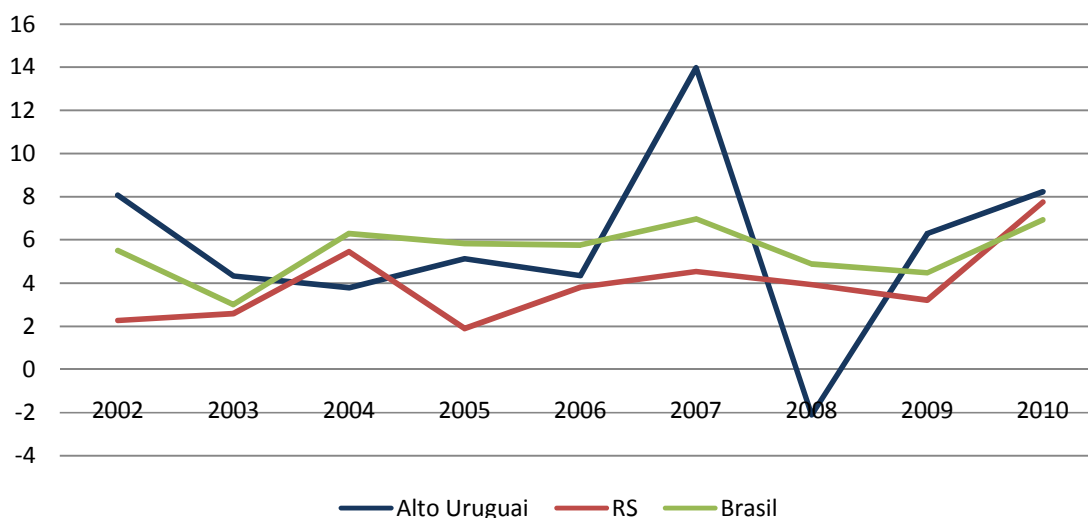
Primeiramente buscou-se saber a quantidade de postos de trabalho formal disponíveis na região do Alto Uruguai, bem como conhecer de que modo se comportou o mercado de trabalho regional na última década. Constatou-se que o Alto Uruguai apresentou significativo crescimento do emprego formal na década que compreende os anos de 2001 a 2010. Conforme mostra o **Gráfico 1**, passou de 32.841 postos de trabalho, em 2001, para 54.321 em 2010.



**Gráfico 1** – Evolução do emprego formal na região do Alto Uruguai (2001 – 2010, em números absolutos).

Fonte: RAIS.

No mesmo período, comparado ao crescimento do mercado de trabalho formal no Brasil como um todo, observa-se que a região do Alto Uruguai apresentou crescimento relativo inferior nos anos de 2004, 2005, 2006 e 2008. Nos demais apresentou percentual de crescimento superior ao Brasil.

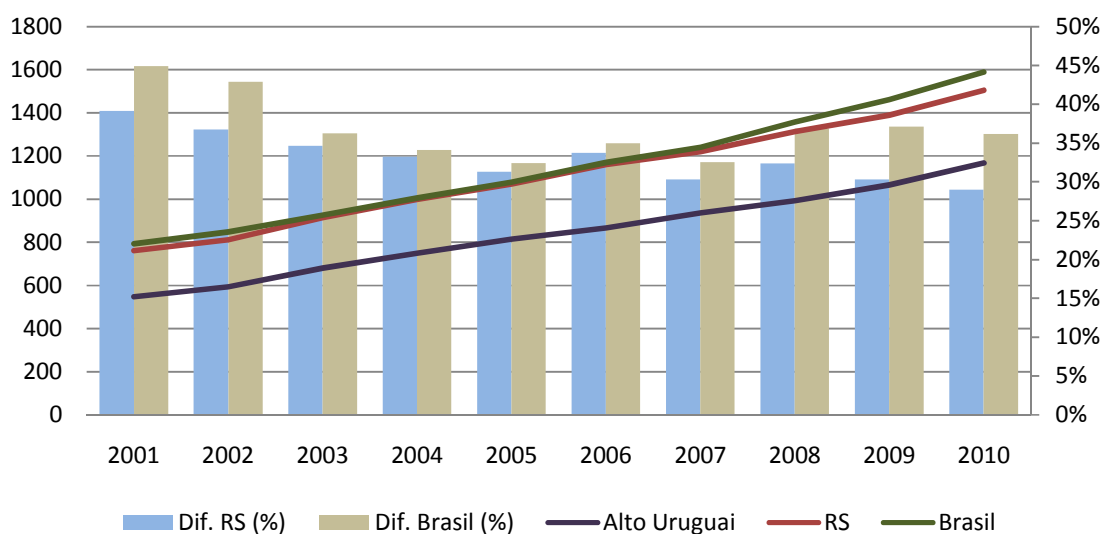


**Gráfico 2** – Evolução da taxa de crescimento do emprego formal na região do Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul e no Brasil (2002 – 2010, em %).

Fonte: RAIS.

Já na comparação com o estado do Rio Grande do Sul, a análise do **Gráfico 2** permite observar que somente nos anos de 2004 e 2008 a região do Alto Uruguai apresentou percentual de crescimento inferior à unidade da federação na qual está situada. Ressalte-se o percentual obtido no ano de 2007, de 13,98%, que é bastante superior ao do Brasil e ao do estado do Rio Grande do Sul no mesmo ano.

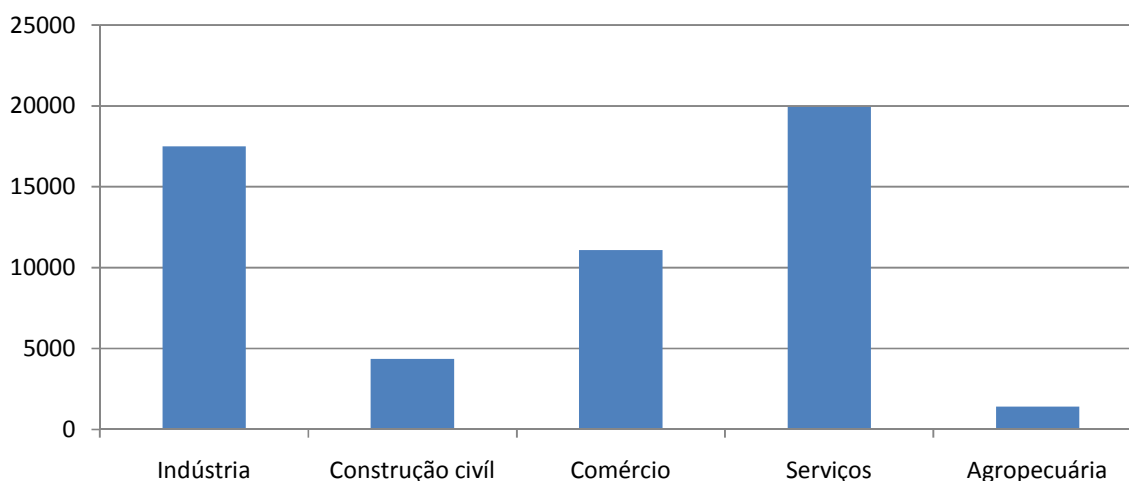
Contudo, a análise do **Gráfico 3** permite constatar que o crescimento do mercado de trabalho da região não produziu redução significativa nos níveis de desigualdade salarial na década dos anos 2000. Quando comparadas as médias dos salários no Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul e no Brasil, observa-se que a diferença diminuiu de modo constante até o ano de 2005. Após alguma oscilação nos anos de 2006 e 2007, constata-se certa estabilidade entre os anos de 2008 e 2010. Em 2010, a média salarial na região do Alto Uruguai era aproximadamente 30% menor ao do Rio Grande do Sul e 35% menor ao do Brasil como um todo.



**Gráfico 3** - Remuneração média no mercado de trabalho formal no Brasil, no Rio Grande do Sul e na região do Alto Uruguai (2001 – 2010, em Reais).

Fonte: RAIS.

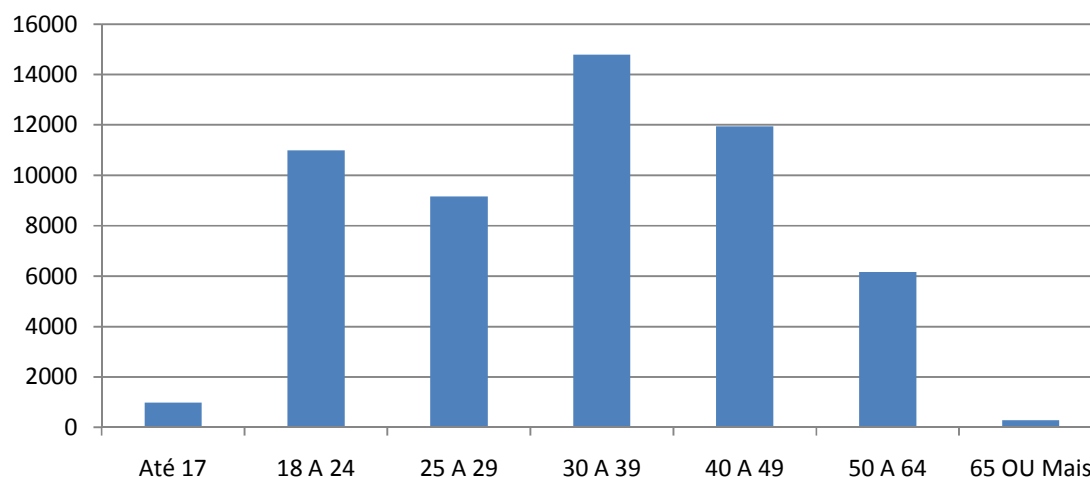
No mercado de trabalho formal da região do Alto Uruguai o setor de atividade econômica que empregava a maior quantidade de trabalhadores no ano de 2010 era o de serviços, que possuía 19.935 postos de trabalho. Em seguida aparecia a indústria, com 17.516 postos de trabalho e o comércio, com 11.097. Apesar da importância da agricultura para a região, o setor agropecuário possuía somente 1.402 trabalhadores ativos com vínculo formal ao final de 2010. Tal fato explica-se devido à estrutura fundiária da região, que apresenta a agricultura familiar como seu carro chefe, sabidamente uma forma de inserção na estrutura ocupacional que não gera vínculo formal aos que participam da produção agrícola.



**Gráfico 4** – Distribuição dos empregos no mercado de trabalho da região do Alto Uruguai, por setor de atividade econômica (números absolutos, vínculos ativos em 31 de dezembro de 2010).

Fonte: RAIS.

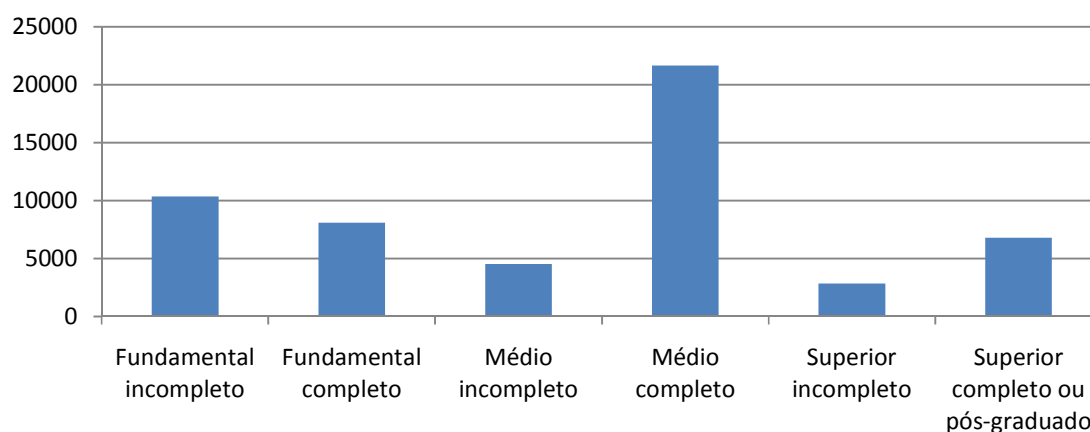
Em relação ao perfil sócio-demográfico da força de trabalho da região, observa-se que a faixa etária com maior representatividade no mercado de trabalho formal situa-se entre os 30 e 39 anos de idade. Do mesmo modo, a análise do **Gráfico 5** permite constatar que os idosos, com 65 anos ou mais são a faixa etária com menor participação no mercado de trabalho, seguida dos jovens com até 17 anos.



**Gráfico 5** – Distribuição dos empregos no mercado de trabalho da região do Alto Uruguai, por faixa de idade (em anos, números absolutos, vínculos ativos em 31 de dezembro de 2010).

Fonte: RAIS.

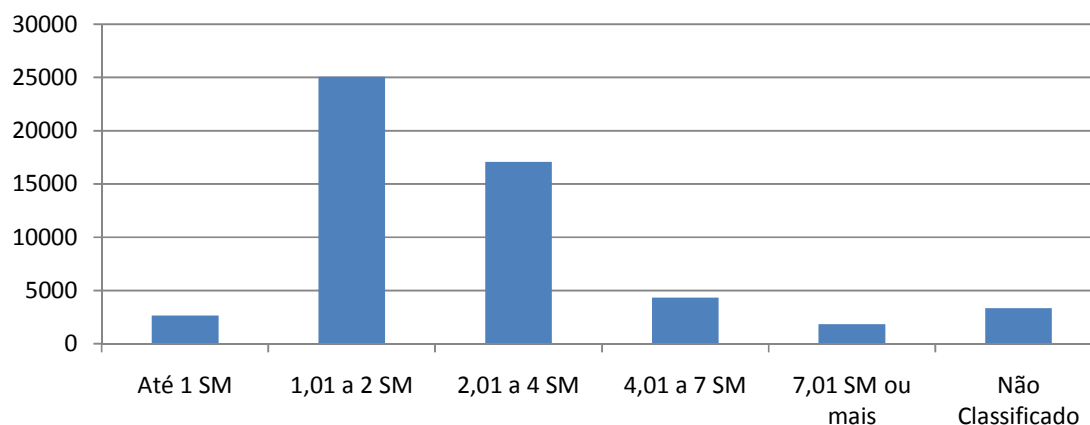
Os trabalhadores situados na faixa de escolaridade correspondente ao ensino médio são a maioria na região do Alto Uruguai, seguido dos trabalhadores com ensino fundamental incompleto e com ensino superior completo ou pós-graduado. Somados, os trabalhadores com ensino fundamental incompleto, completo e ensino médio incompleto representam 42,3% do mercado de trabalho formal do Alto Uruguai; por seu turno, os trabalhadores com ensino médio representam 39,9% e os trabalhadores com ensino superior incompleto, completo ou pós-graduado representa os restantes 17,8%.



**Gráfico 6** – Distribuição dos empregos no mercado de trabalho da região do Alto Uruguai, por faixa de escolaridade (números absolutos, vínculos ativos em 31 de dezembro de 2010).

Fonte: RAIS.

Em termos salariais, constatou-se que a ampla maioria dos trabalhadores recebia, em dezembro de 2010, entre um e quatro salários mínimos.

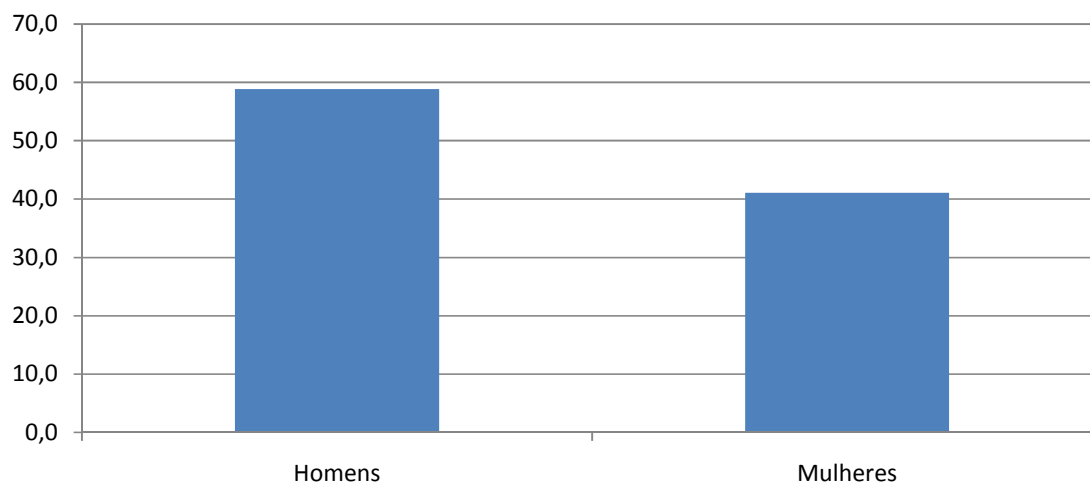


**Gráfico 7** – Distribuição dos empregos no mercado de trabalho da região do Alto Uruguai, por faixa de remuneração – mês de dezembro (em salários mínimos, números absolutos, vínculos ativos em 31 de dezembro de 2010).

Fonte: RAIS.

Somadas, as faixas de remuneração de até quatro salários mínimos representavam 82,5% do mercado de trabalho do Alto Uruguai. É possível supor que este fato se deve a estrutura do emprego formal da região, constituída por produtos e serviços de baixo valor agregado.

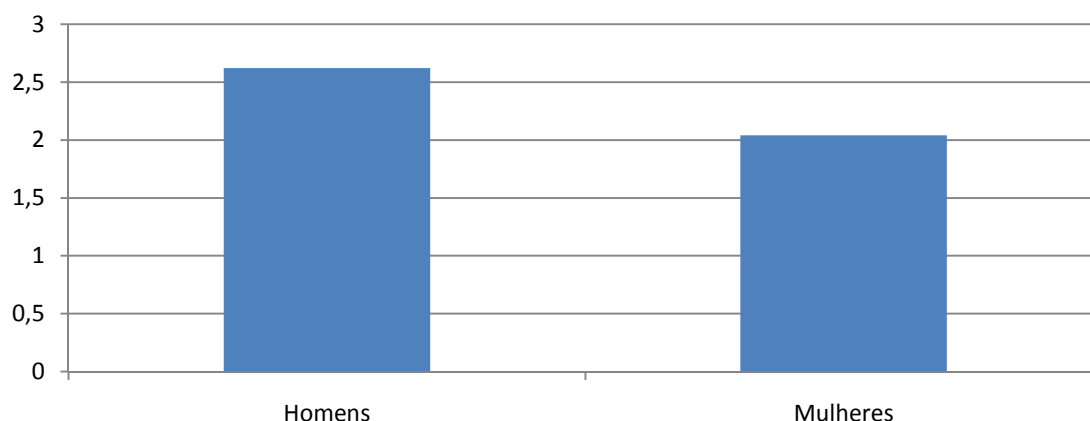
Conforme mostra o **Gráfico 8**, os homens são maioria no mercado de trabalho formal do Alto Uruguai. Em 2010, eles representavam 58,9 dos trabalhadores da região.



**Gráfico 8** – Distribuição dos empregos no mercado de trabalho da região do Alto Uruguai, por sexo (em percentuais, vínculos ativos em 31 de dezembro de 2010).

Fonte: RAIS.

Considerando os objetivos desse estudo exploratório, que possui como um de seus focos as desigualdades salariais, decidiu-se identificar a média salarial da região segundo o sexo do trabalhador. O **Gráfico 9** apresenta este dado.

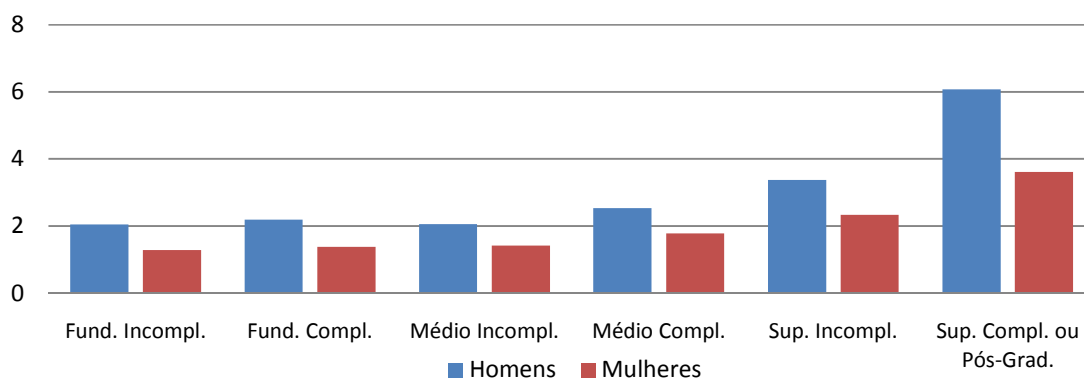


**Gráfico 9** – Média salarial no mercado de trabalho da região do Alto Uruguai, por sexo (em salários mínimos, vínculos ativos em 31 de dezembro de 2010).

Fonte: RAIS.

Em 2010, na região do Alto Uruguai, a remuneração das mulheres representava 77,86% da remuneração dos homens. Enquanto os homens recebiam em média 2,62 salários mínimos mensais, as mulheres auferiam 2,02.

Por mais que a desigualdade salarial de gênero seja realidade para todas as faixas de escolaridade, ela apresenta percentual mais elevado entre trabalhadores que possuem ensino superior ou pós-graduação. Conforme o **Gráfico 10**, o salário médio das mulheres com curso superior completo corresponde a 59,37% da remuneração média dos homens com a mesma escolaridade.



**Gráfico 10** – Média salarial no mercado de trabalho da região do Alto Uruguai, por sexo, segundo a faixa de escolaridade (em salários mínimos, vínculos ativos em 31 de dezembro de 2010).

Fonte: RAIS.

Tal indicador é semelhante ao do mercado de trabalho do Brasil como um todo, em que a remuneração média das mulheres com curso superior completo corresponde a 59,08% da remuneração dos homens com a mesma formação. Contudo, como a remuneração média na região é 35% inferior a do Brasil como um todo, a desigualdade salarial de gênero penaliza as mulheres de forma ainda mais significativa na região do Alto Uruguai.

## 6. Considerações finais



A realização do presente estudo não esgota a discussão sobre as características do mercado de trabalho formal do Alto Uruguai, mas permite conhecer condições estruturantes dessa região pouco estudada. Do mesmo modo, a consolidação de uma tradição de estudos sociológicos sobre os mercados de trabalhos regionais ainda é uma realidade distante, que precisa ser qualificada ao mesmo tempo que se constrói.

Como reflexão final, cabe destacar que na década dos anos 2000 a região do Alto Uruguai apresentou elevado crescimento do emprego. Contudo, tal crescimento não contribuiu para a redução do nível salarial médio da região comparativamente ao Brasil e ao Rio Grande do Sul.

Em relação ao perfil do mercado de trabalho formal da região, constatou-se que o mesmo é composto predominantemente por trabalhadores de até 49 anos de idade, com escolaridade equivalente ao ensino médio e remuneração de até quatro salários mínimos. Os serviços e a indústria são os setores econômicos que mais empregam no Alto Uruguai.

O estudo demonstrou que o mercado de trabalho formal da região do Alto Uruguai apresenta elevada desigualdade salarial de gênero. Tal realidade está presente em todas as faixas de escolaridade, mas é ainda mais perceptível para trabalhadoras que possuem ensino superior ou pós-graduação. Como os salários na região são inferiores aos praticados no restante do Rio Grande do Sul e do Brasil, a desigualdade salarial acomete duplamente as mulheres.

Por fim, destaca-se que a realização da pesquisa suscitou novos questionamentos, que poderão orientar estudos futuros. Um deles remete à análise mais detalhada da desigualdade de gênero no mercado de trabalho da região, incorporando as categorias profissionais específicas como objeto de investigação. Outra possibilidade de estudo remete à análise da construção histórica do mercado de trabalho da região, mediante a tentativa de identificar o papel da mulher nesse contexto.

## **Bibliografia**

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Folheto de divulgação da RAIS**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2010.

DURKHEIM, E. Método para determinar a função da divisão do trabalho. In: Rodrigues, José Albertino. **Durkheim**: Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 2008.

FEVRE, R. **The Sociology of labour markets**. Disponível em: <http://www.cardiff.ac.uk/socsi/resources/fevre-sociologyoflabourmarkets.pdf>. Acessado em: 21 de set. 2012.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **FEE-RS**. Disponível em: [www.fee.tche.br](http://www.fee.tche.br). Acessado em: 24 de out. 2012.

HORN, C. Mercado de trabalho. In.: CATTANI, A. e HOLZMANN, L. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p. 179 – 182.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. Retrato das desigualdades de gênero e raça. Brasília: Ipea, 2011.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

XAVIER SOBRINHO, G. **Mercado de trabalho e região**: a articulação de duas problemáticas em um estudo de caso. Tese de doutorado. PPG em Sociologia da USP, 2008.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.